



ALFREDO FERNANDES MARTINS
(1916-1982)

NOTAS E RECENSÕES

ALFREDO FERNANDES MARTINS (1916-1982)

A 29 de Dezembro de 1982 faleceu subitamente este notável geógrafo, cuja obra *Finisterra* não pode deixar de evocar pela pena de um dos seus amigos e companheiros de trabalho, em Portugal e em Moçambique, e de uma discípula que poderá testemunhar a irradiação incomparável do seu ensino.

Contrariando os desejos do pai, que lhe destinara a prestigiosa carreira médica, tirou o curso de Geografia, matéria que muito o devia ter atraído nos últimos anos do curso liceal e correspondia a uma das facetas da sua vocação — o desejo de viajar.

A sua estreia foi um acontecimento, pois a tese de licenciatura *O Esforço do Homem na Bacia do Mondego. Estudo Geográfico*, Coimbra 1940, com 300 páginas de grande formato e um número elevado de fotografias, mapas e gráficos, ultrapassa não só as dimensões de trabalhos desta índole, mas também o de qualquer das dissertações de doutoramento e concurso para professor (boas e más) até então publicadas. «Esforço do Homem», num quadro que se amolda ao da dissertação de doutoramento do seu mestre AMORIM GIRÃO (*A Bacia do Vouga*, Coimbra, 1922), a despeito dos reparos que LAUTENSACH apontara já a um limite convencional há muito abandonado nos estudos geográficos e da vigorosa definição das regiões de Portugal que aquele autor havia proposto e defendido desde 1927. Mas esforço também do autor que, sem protelar a direcção da formatura, reuniu em pouco tempo material muito abundante e variado, elaborado de maneira desigual, sem dúvida, mas onde muito ainda há de aproveitável. A parte mais relevante é por certo o estudo do baixo Mondego, a jusante do maciço antigo, neste cruzamento de traços geográficos que FERNANDES MARTINS mais tarde realçará no sítio e no destino da sua amada Coimbra. A ele havia de voltar em trabalhos breves, sem que tenha podido realizar o amplo estudo regional que tanto continuava a atraí-lo.

Em 1941, por altura do meu doutoramento, faleceu prematuramente VERGÍLIO TABORDA, cuja tese, *Alto Trás-os-Montes*, é um modelo de finura na observação, rigor na análise e capacidade de síntese, que poderiam ter feito dele, se não minasse a doença o que lhe restava de energia, um dos maiores geógrafos portugueses. AMORIM GIRÃO convidou-me para substituí-lo. Respeito a memória de um dos fundadores da Geografia portuguesa na Universidade. A investigação de campo que o meu mestre SILVA TELLES nunca praticou, a despeito do seu fino sentido da paisagem e do domínio das grandes linhas

estruturais da Península Ibérica, que nos transmitia na cadeira de Geografia de Portugal, as investigações de campo de GIRÃO — o primeiro a praticá-las — e o esboço de desenvolvimento da cidade de Viseu, livros que encontrei na biblioteca pública da cidade, como o *Tratado de Geografia Física* de DE MARTONNE, influíram decisivamente na minha vocação. A sua divisão regional do País foi pensada com vigor, o seu *Atlas de Portugal* ainda não foi superado. Dava as aulas com entusiasmo comunicativo, comentava com vivacidade a paisagem durante as poucas excursões que fazia com alunos. Compreende-se que FERNANDES MARTINS, praticando uma Geografia mais de acordo com as exigências do tempo, lhe dedicasse o respeito e o afecto que se deve aos que nos precederam no recto caminho.

Apesar de altamente classificado, só em 14-3-1942 assentou no ensino como assistente, categoria que então substituíra nas Faculdades de Letras a de professor auxiliar.

Datam de então as nossas relações pessoais e a minuciosa iniciação nos métodos de observação em Geomorfologia que, num tépido Outono, fizemos na Beira Baixa e que, pela clareza dos problemas e a minúcia que havia podido dedicar-lhes, se tornaria uma espécie de «escola normal» neste campo da Ciência geográfica. Por amplas leituras e na companhia de BIROT e minha, a vocação de FERNANDES MARTINS centrou-se neste ramo da Geografia, sem por isso deixar de fazer, no gabinete e no campo, uma iniciação de geógrafo completo.

Artista da palavra, falando e escrevendo de maneira brilhante e atraente, desenhando com rigor e finura e compondo mapas expressivos, comentando a paisagem no todo e captando cambiantes, dirigindo excursões de alunos seus e do curso de férias para estrangeiros a que dedicou a maior atenção, FERNANDES MARTINS foi afinando qualidades espontâneas pela reflexão e pelo «grave e honesto estudo» e preparou, já então com os vagares de um trabalho de grande fôlego, sobre mapas imperfeitos, insuficientes e sem fotografias, *O Maciço Calcário Estremenho*, Coimbra, 1949, modestamente subintitulado *Contribuições para um Estudo de Geografia Física*, mas que faz incidir o esforço da colaboração sobre a originalidade do relevo calcário, que não mais deixou de atraí-lo. Este trabalho situa-se entre as excelentes teses de Geomorfologia de MARIANO FEIO e ANTÓNIO DE BRUM FERREIRA e já nas dimensões habituais. Sem o apoio de mapas geológicos de pormenor, FERNANDES MARTINS levantou com o maior cuidado, apenas com o estabelecimento de uma escala estratigráfica dotada de clareza e exaustiva observação de campo, uma série de cortes do maciço que se tornaram clássicos e foram reproduzidos em várias obras de Geografia e Geologia, mesmo as mais recentes.

Entretanto reuniu-se em Lisboa, em 1949, o XVI Congresso Internacional de Geografia, para cuja comissão organizadora propus os colegas da Universidade de Coimbra. FERNANDES MARTINS encarregou-se de dirigir uma das excursões e escrever o respectivo livro-guia, *Le Centre Littoral et le Massif Calcaire d'Estremadura* num cento de páginas, breves e densas de observação e reflexão, deixou não só as primícias da tese doutoral que estava preparando como explicou os finos cambiantes do que SILVA TELLES chamava «a mais polimórfica das regiões portuguesas», por onde se passa, antes por transições

e imbricações que por contrates, do Portugal atlântico ao Portugal mediterrâneo. Reli com gosto esta evocação de pequenas unidades regionais (o *Campo*, a várzea do baixo Mondego, a *Gândara* de areias pobres e pinhais, arroteada incompletamente pelo que FAUCHER chamou, com toda a razão, áreas agrícolas «por acumulação de trabalho humano», a *Bairrada* célebre pelos seus vinhos excelentes, na foz do Mondego e da Ria de Aveiro, resultante de uma evolução complexa do litoral, assunto que atraiu o autor ao tentar várias reconstituições num estudo notável: «A configuração do litoral português no último quartel do século XIV — Apostila a um mapa» (*Biblos*, vol. XXII, Coimbra, 1946).

Mas FERNANDES MARTINS era excelente conhecedor da sua cidade, e das regiões litorais do Centro do País, motivo por que assentámos em que dirigiria uma das excursões do Congresso Internacional de Geografia, de que escreveu o livro-guia mas não pôde acompanhar. Uma doença grave, revesses de família, talvez um nível excessivo de exigência e a insatisfação dos resultados conseguidos, sem embargo, notáveis, foram-no concentrando cada vez mais no ensino e desabitando-o de publicar. Por isso protelou a redacção da tese de concurso para professor, cujo esquema esboçou com elegante simplicidade e clareza: o planalto de Cantanhede — um curso abortado, por se tratar de uma superfície de abrasão quaternária, tardiamente exposta ao ar, sem espessura relativamente ao nível de base para que as formas se desenvolvessem na plenitude da sua variedade e harmonia.

Com o ser um dos melhores especialistas peninsulares do relevo cársico, FERNANDES MARTINS pertenceu ainda à geração de geógrafos completos. Fizera o projecto de estudar a profunda originalidade humana do Maciço Calcário Estremenho, com as suas povoações geralmente aglomeradas... não em volta de exurgências, que só as há na periferia, mas construindo cada casa o seu sistema de caleiras e cisternas, o denso olival às vezes plantado à broca, e as hortas e culturas mimosas bafejadas pela aragem atlântica no *felgar*, bolsadas de argila de descalfificação, portanto pobre, mas enriquecida com caganitas de cabra, ao mesmo tempo inimiga da árvore mas providencial aproveitamento das pobres charnecas calcárias. A ocupação agrária do Campo do Mondego, em luta com as cheias do rio, às vezes desastrosamente exageradas na sua acção pela rectificação do curso, foi tema que o atraiu e comentou, em várias excursões em que lhe solicitei, do alto do castelo de Montemor-o-Velho ou da capelinha da Geria, num morro calcário onde batem as ondas da cheia quando sopra a nortada. *Esta Coimbra...*, modestamente subintitulada *Alguns apontamentos para uma palestra* (1951, reproduzida, com outros trabalhos seus, nos *Cadernos de Geografia*, Coimbra, 1983, a que auguramos vida longa e brilhante — a melhor maneira de memorar o Mestre desaparecido!), é um modelo de Geografia urbana, ao mesmo tempo genética e funcional, colocando sempre a urbe e o seu desenvolvimento no quadro natural do sítio onde se implanta e na encruzilhada de traços geográficos da sua posição. Foi este, aliás, o tema que, sendo-lhe a sorte propícia, desenvolveu brilhantemente no concurso para a cátedra. As origens da cidade levaram-no a um estudo de arqueologia urbana sobre «A Porta do Sol» e as defesas muçulmanas da cidade (*Biblos*, XXVII,

1951), que mereceu a atenção do grande mestre do arabismo peninsular LEVI-PROVENÇAL.

E foi sobre um *curriculum*, sem dúvida válido, mas há muito interrompido e sem nada anunciar em preparação ou em projecto, e excelentes lições, ricas de substância, admiravelmente construídas e expostas com a maior elegância, que alcançou a cátedra, deserta desde o falecimento de AMORIM GIRÃO. Aí pude afirmar que se FERNANDES MARTINS não era o mais operoso geógrafo português, era o mais talentoso, pois reunia a minúcia e rigor da observação ao gosto de uma elaboração bem travejada e a um estilo vibrante e emotivo, um tanto — às vezes mesmo muito — literário, sem deixar de ser cientificamente exacto. Que FERNANDES MARTINS era um escritor de raça mostra-o a atraente evocação de terras e gentes no *Triptico Galego* (Coimbra, 1953), resultado de andanças por uma grande e original região peninsular, que integra os contrastes do Minho e de Trás-os-Montes com a profunda originalidade de um litoral franjoso e de uma civilização própria, elaborada e transmitida numa língua que se foi distanciando do português e revela, desde a sua renascença literária até hoje, aspectos de individualidade.

ORLANDO RIBEIRO